



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

Enfrentando medos antigos: a utilização de oficinas terapêuticas no ambiente universitário

Giulena Rosa Leite¹
Hellen Cristina Sthall²
Jardel Guimarães Carneiro³
Gabriel Carlos Leite⁴

Resumo: Este estudo tem por objetivo demonstrar a promoção da saúde mental da comunidade universitária no sudoeste de Goiás, a partir da realização de oficinas com abordagem psicodramática e de recursos lúdicos. Trata-se de um estudo de natureza descritiva, do tipo relato de experiência, caracterizado como descritivo por apresentar uma reflexão sobre uma ação, ou um conjunto que aborda uma situação vivenciada no âmbito profissional. Os resultados demonstraram que durante as oficinas, emergiram problemas pessoais e dificuldades dos participantes através de conversas, compartilhamento de experiências e sentimentos, resultado gradual dos vínculos estabelecidos. A atividade propiciou que os participantes reconhecessem os sentimentos e descrevessem comportamentos e eventos importantes do cotidiano que vivenciavam. A experiência vivenciada promoveu a amplitude do conhecimento acerca das ações e promoção da qualidade de vida dos participantes.

Palavras-chave: Qualidade de vida. Saúde mental. Universidade pública.

Facing old fears: the use of therapeutic workshops in the university environment

Abstract: This study aims to demonstrate the promotion of mental health of the university community in the southwest of Goiás, by conducting workshops with psychodramatic approach and playful resources. This is a descriptive study, the type of experience report, characterized as descriptive for presenting a reflection on an action, or a set that addresses a situation experienced in the professional context. The results showed that during the workshops, personal problems and difficulties of

¹ Enfermeira. Doutora em Ciências aplicadas a Saúde pela UFG. Professora do curso de enfermagem UFG-REJ. E-mail: giulenaar@gmail.com

² Enfermeira. Mestre em UFG. Professora do curso de enfermagem UFG-REJ. E-mail: hellen_sthal@hotmail.com

³ Psicólogo. Graduado pela Universidade Federal de Goiás (UFG)-Campus Jataí. Aluno da graduação em Letras Português/ UFG-REJ. E-mail: jardelgc91@gmail.com

⁴ Graduando em Medicina FAMEPP. E-mail: gabriener@gmail.com



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

participants emerged through conversations, sharing experiences and feelings, a gradual result of the established bonds. The activity allowed participants to recognize their feelings and describe behaviors and important everyday events they experienced. The lived experience promoted the breadth of knowledge about the actions and promotion of the participants' quality of life.

Keywords: Quality of life. Mental health. Public university.

INTRODUÇÃO

A saúde mental é um tema que vem ganhando notoriedade nas agendas de pesquisas internacionais e nacionais (LAYARD, 2013; WHO, 2017). A ampliação do debate científico acerca da saúde mental resulta das reflexões e ressignificações do próprio conceito de saúde, que ocorreram principalmente a partir do século XX. A saúde, antes compreendida como ausência de doença e como um fenômeno estritamente biológico, passa a ser vista como fenômeno complexo e multifatorial. A VIII Conferência Nacional de Saúde (BRASIL, 1986, p. 04) afirma a evolução e ampliação do conceito de saúde, definindo-a como “[...] resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio-ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde

Nesse cenário, as condições de vida, incluindo as macrodeterminações sociais, políticas, econômicas e culturais, passaram a ser consideradas como fatores impactantes nas condições de saúde, incluindo a saúde mental. Pelo grande impacto que os ambientes de trabalho, estudo e convivência podem exercer, a preocupação com a saúde mental, no âmbito da instituição universitária, vem crescendo no Brasil. O debate ganhou ainda mais força depois da veiculação de notícias de suicídios cometidos por universitários em grandes universidades do país e de outros casos envolvendo profissionais universitários. Só na Universidade de São Paulo (USP), quatro estudantes cometeram suicídios, registrados entre maio e junho de 2018.

Segundo Carneiro e Batista (2012), estudantes universitários apresentam significativa vulnerabilidade a doenças mentais, pela vivência frequente de eventos



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

estressores, como a pressão exercida por familiares e professores, apresentação de trabalhos, realização de provas, falta de lazer, privação do sono, expectativas em relação ao futuro, apresentando maior probabilidade de desenvolverem transtornos do humor e ansioso.

No que diz respeito aos professores universitários, uma pesquisa realizada no Reino Unido comparou o nível de estresse experimentado por profissionais em vários tipos de profissões e concluiu que os professores tinham duas vezes mais estresse, depressão e ansiedade do que a média dos outros profissionais (NAGHIEH, MONTGOMERY, BONELL, THOMPSON & ABER, 2015).

O trabalho docente sofreu diversas modificações ao longo da história, de modo a adequar-se às necessidades que foram surgindo, no entanto, pesquisas mostram que todo esse processo não foi homeostático, pois as condições de trabalho ainda são caracterizadas como precárias, prejudicando o exercício profissional (GONTIJO, 2013). A categoria docente caracteriza-se atualmente como uma das que mais sofre devido à exposição a agentes estressores e ambientes conflituosos, além de alta exigência de trabalho (CARLOTTO, 2011). Essa realidade traz consequências na saúde física e mental, além de interferir no desempenho profissional dos professores.

No Brasil, os professores ocupam o segundo lugar do ranking de categorias ocupacionais com doenças. E essa avaliação pode ser subestimada, uma vez que depressão, ansiedade e estresse podem ser resultados de Síndrome de Burnout (BATISTA, CARLOTTO, COUTINHO, & AUGUSTO, 2011).

Nesse contexto, este artigo objetiva relatar e analisar uma experiência sobre a utilização de oficina terapêutica na universidade, como recurso para identificação de problemáticas de saúde mental, visando a busca por tratamento e a prevenção de agravos. O estudo pretende, ainda, compreender as possíveis causas dessa problemática no sistema acadêmico a fim de possibilitar mudanças favoráveis e futuras intervenções com foco na melhora da qualidade de vida dos professores e alunos no ambiente universitário, além de contribuir para a construção de novos



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

estudos que visem ao aprofundamento investigativo dessa realidade complexa e multifatorial.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza descritiva, do tipo relato de experiência. É caracterizado como descritivo por apresentar uma reflexão sobre uma ação, ou um conjunto que aborda uma situação vivenciada no âmbito profissional (CAVALCANTE; LIMA, 2012).

As vivências relatadas e analisadas no estudo se deram a partir da realização de uma oficina terapêutica intitulada “Enfrentando medos antigos: ativando potencialidades para o autoconhecimento”, numa universidade pública localizada no sudoeste do Estado de Goiás. Essa oficina foi realizada duas vezes, para dois grupos de pessoas distintos, com duração de 4 horas cada uma, tendo participado 108 pessoas (54 em cada turma) da comunidade universitária: universitários, servidores técnicos administrativos e docentes, com idades que variam entre 17 e 54 anos, sendo a maioria dos participantes vinculados a cursos da área da saúde.

As duas turmas da oficina foram realizadas durante um evento, que ocorreu em maio de 2019 e foi organizado pela equipe de recursos humanos da instituição, tendo como tema principal a Qualidade De Vida - Saúde Mental. As atividades da oficina foram conduzidas por duas enfermeiras, professoras do Curso de Enfermagem da referida universidade, com apoio de um psicólogo.

Conforme o redirecionamento do modelo assistencial de saúde mental proposto pela Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001, as oficinas terapêuticas são uma das formas de tratamento oferecidas nos serviços considerados hoje como reguladores da assistência em saúde mental (BRASIL, 2001). Mediante atividades terapêuticas expressivas e oficinas, os profissionais expandem cotidianamente o uso da arte no processo de cuidar, por meio do estabelecimento de novas possibilidades existenciais para o sujeito (TAVARES; SOBRALI, 2005). As oficinas terapêuticas propõem à pessoa em tratamento psiquiátrico a sua inserção em ações que possam,



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

com o desenvolver de atividades artísticas e artesanais, ampliar seus meios de comunicação e, assim, recuperar a sua cidadania (RAUTER, 2012).

A oficina aqui relatada teve como objetivos promover a interação e a convivência entre os participantes, bem como despertá-los para a comunicação, para a auto-observação e autoconhecimento, para o saber ouvir e para a relevância da saúde mental e do conforto espiritual. Para tal, utilizou-se a criatividade e a expressão artística como balizadoras para as atividades e a oferta de um espaço que tornasse propícia a troca de experiências.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O espaço onde ocorreram as oficinas é amplo e climatizado, com o intuito de proporcionar um ambiente agradável aos participantes. Apesar de terem sido organizadas em dois momentos distintos, para discentes no matutino e para servidores (técnicos e professores) no vespertino, com limite de 30 vagas em cada turma, vieram ao local dezenas de pessoas que não conseguiram inscrição, relatando suas fragilidades psicológicas e solicitando a possibilidade de participar. As professoras responsáveis pela condução da oficina conversaram e decidiram ampliar as vagas para 54 em cada um dos momentos. Ainda assim, várias pessoas foram dispensadas.

Com relação às atividades realizadas, a oficina teve início com canções que remetessem os participantes à infância, ao mesmo tempo em que caminhavam pela sala, se cumprimentando de maneira não tradicional: com os olhos, com os cotovelos, com os pés, com um sorriso, tendo como som de fundo, músicas infantis. Num segundo momento, os participantes, em roda, desenvolveram uma dança circular em que foram convidados a repetir uma coreografia muito parecida com uma brincadeira de bater palmas, do tipo Adoleta.

A dança circular é um desdobramento de uma forma de arte muito antiga, que durante milhares de anos permitiu que pessoas de diferentes culturas se expressassem através do movimento e da dança. Historicamente, o círculo é o



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

formato espacial mais primitivo na dança; há evidências de danças circulares em muitas tradições, realizadas por pessoas em todos os continentes (Sachs, 1973).

De acordo com Machado Filho (2005), a dança circular facilita a sensação de empatia coletiva. Neste processo, cada indivíduo se torna parte de uma unidade inteira, o círculo, mudando o foco do indivíduo para o grupo, do pessoal para o coletivo. Essa dança circular apresenta significação dos gestos, nos passos efetuados, resgatando a sensibilidade, a emoção e a valorização da experiência interna dos envolvidos. Eles ficaram de mãos dadas, voltando sua atenção para o centro da roda e durante a atividade, trabalhou-se o equilíbrio entre a pessoa e o coletivo, para que os componentes do grupo percebessem que não estavam sozinhos, pelo contrário, encontravam-se amparados em pé de igualdade, visualizando a presença de cada participante.

Num terceiro momento, foi sugerido ao grupo, durante alguns instantes de meditação com os olhos fechados, que se recordassem da sua infância, das músicas que ouviam, das roupas que vestiam, alimentos que comiam, do que gostavam de brincar, e então foi solicitado que cada um dos presentes se representassem nesse momento escolhido, utilizando massinha para modelar. Assim que todos finalizaram, foi realizada a apresentação da arte criada e o relato das sensações experimentadas desde o início da vivência até aquele momento. Foram explicitados, pelas professoras coordenadoras da oficina, os aspectos éticos e humanísticos envolvidos na escuta qualificada, no sigilo e no acolhimento. Os participantes foram deixados à vontade para apresentar ou não a sua arte e seu relato, sendo que a maioria optou por compartilhá-los.

O quarto momento consistiu na formação de dois círculos, um interno e um externo, sendo solicitado aos participantes que pensassem numa frase que gostariam muito de ter ouvido na infância e não ouviram. E logo em seguida, os círculos giraram, mediante comando organizado, para que todos os participantes pudessem dizer sua frase e também ouvir a dos outros participantes.



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

Ao final, os participantes escreveram uma carta endereçada a si mesmos, quando crianças, assumindo o compromisso de se reconhecer, amar, respeitar e acolher.

O encerramento consistiu numa roda de conversa sobre a importância da infância na formação da personalidade humana, sobre as potencialidades do autoconhecimento para o enfrentamento das dificuldades e resiliência. Nesse momento, os participantes ressaltaram aspectos como a falta de espaços de escuta e acolhimento como este no âmbito da universidade; a dificuldade de se observarem, se perceberem e se cuidarem em meio a grande demanda de afazeres do dia-a-dia e a importância do estreitamento do vínculo entre alunos, professores e demais servidores, estabelecendo uma rede de apoio mútuo.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O fato de a oficina ter atraído tantas pessoas, principalmente alunos, pode ter relação com o interesse pelo tema, mas também com a escassez de oferta de espaços e atividades como essa no âmbito da universidade, ou seja, espaços para expressão de sentimentos, por meio da arte ou do diálogo; para o compartilhamento de experiências, para a escuta/acolhimento. Por raízes históricas e culturais, o ambiente universitário é, muitas vezes, marcado pela competição e pelo individualismo.

Considerando que os indivíduos constroem conhecimentos e significados constantemente, o diálogo é o encontro dos conhecimentos e sentimentos construídos histórica e culturalmente, um encontro que se dá na subjetividade. O diálogo ocorre quando cada um compartilha aquilo que sabe ou que sente com os demais, que fazem o mesmo, de forma respeitosa. O diálogo possibilita que nos reconheçamos diferentes, diversos, peculiares, de modo que sempre temos algo a aprender com os demais. (SANTORUM; CESTARI, 2011).

A maioria dos participantes foi composta por estudantes de cursos da área da saúde, ou seja, alunos que estão sendo formados para que possam atuar nessa



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

área, com humanização, pensamento crítico, solidariedade, ética e integralidade, mas que muitas vezes não conseguem vivenciar esses princípios dentro da universidade. Como formar um profissional de saúde humanista, que saiba ouvir e acolher o paciente e estimulá-lo a se expressar, se ele próprio muitas vezes não encontra espaços suficientes onde possa vivenciar isso, onde possa se expressar, ser ouvido e acolhido?

De acordo com Cenci e Fávero (2008), uma formação com caráter humanista necessita estar realmente comprometida com a preparação para a vida em sociedade, abrangendo certas dimensões fundamentais desta, como a dignidade pessoal, o reconhecimento do próprio valor como ser humano e do valor dos outros, o desenvolvimento da autonomia pessoal e o respeito aos semelhantes.

O preparo para atuar em saúde mental demanda o desenvolvimento de competências pessoais, profissionais e sociais, arquitetadas por afetos que visam potencializar a essência de cada um. Da mesma maneira, o indivíduo deve ser parte do processo na busca da própria saúde mental, sendo imprescindível a reflexão pessoal e autoconhecimento.

O relatório “Depressão e outros distúrbios mentais comuns: estimativas globais de saúde” aponta que 322 milhões de pessoas atualmente sofrem algum tipo de transtorno mental em todo o mundo (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2017). Isso tem se tornado evidente também na universidade. Parte importante de discentes e servidores estão apresentando sinais de estafa, estresse e necessidade de apoio psicológico.

Segundo Farias et al. (2016, p. 151), “as oficinas terapêuticas são espaços de produção de subjetividade, onde há diálogo, interação, reciprocidade e vínculos que permitem a troca entre profissionais e pacientes, permeados pelo respeito às escolhas”. Trazendo para a realidade da universidade, as oficinas podem constituir espaços de convivência, de produção criativa, de estímulo à solidariedade, percebendo-se então uma potencialidade dessa ferramenta para a produção da valorização dos aspectos saudáveis, e também como possível espaço de



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

identificação de vulnerabilidades e de sofrimento psíquico da pessoa, podendo, com essa identificação, agilizar o início de um atendimento especializado.

Há uma infinidade de possibilidades que podem ser aplicadas no ambiente universitário, como dança, teatro, pintura, oficina de corporeidade, artesanato, coral, oficina de vídeo, oficina de beleza, oficina literária, e outras. De acordo com Farias et al. (2016, p. 150) “as oficinas terapêuticas precisam estar inseridas em um processo dinâmico para que evite a inércia institucional e a adoção de posturas solidificadas que pouco reformam. Esses espaços são ferramentas para a produção de vida .

Notou-se durante a realização as oficinas que muitos participantes relataram seus sentimentos e angústias como se fosse um pedido de socorro. No momento da representação de uma memória da infância, utilizando massinha de modelar, alguns conseguiram se expressar artisticamente de maneira a causar admiração, porém, houve duas pessoas que se recusaram a moldar a recordação sugerida.

O uso do lúdico como recurso terapêutico é um processo predominantemente de linguagem não verbal, um meio de acolher o ser humano em toda sua complexidade. Uma das hipóteses possíveis para a recusa na realização da atividade foi a de que o estado psíquico de cada participante era, também, expresso nas esculturas apresentadas, e na facilidade ou não de estabelecer relações e trocas com os outros, durante as atividades propostas na oficina. Alguns dos participantes optaram por ficar no local após o término da oficina para conversar individualmente com as professoras organizadoras e, após a escuta e acolhimento, foi sugerido que procurassem o Serviço de Atendimento Psicopedagógico da universidade.

A fase da infância tem um papel fundamental na vida de qualquer pessoa e tudo que se vivencia nela contribui para o processo de formação do adulto, pois remetem aos períodos de desenvolvimento físico, emocional e cognitivo. Para que uma criança possa desenvolver-se saudavelmente em cada etapa é necessário um ambiente seguro que possa proporcionar acolhimento, respeito e atenção em todas as demandas (SINIBALDI, 2013).



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

Esses resultados demonstraram que a exploração do autoconceito tem um impacto positivo, pois, ao descobrirem seus recursos pessoais podem ter auto-suporte em momentos difíceis. Estudos relatam que o auto-suporte pode atuar como fator de prevenção à saúde mental e contribui no desenvolvimento da resiliência (OLIVEIRA, & NAKANO, 2011).

A resiliência auxilia o indivíduo a encontrar respostas mais eficazes e soluções mais adaptadas na presença de um ambiente desfavorável. Os momentos relatados abordaram situações cotidianas de alegria em família, entre amigos e primos, na presença de avós, locais afetivos e animais e brincadeiras. Houve também relatos de profunda dor, como situações de violência, abusos e dificuldades materiais.

No Brasil, muitas crianças estão expostas diariamente a situações de negligência, vulnerabilidade e privação múltipla, ou seja, tem um ou mais direitos negados (UNICEF, 2008). Algumas famílias encontram-se em circunstâncias críticas, como: discórdia conjugal severa, criminalidade paterna, dificuldades na renda, abuso de álcool e outras drogas, e, muitas vezes, não conseguem proporcionar condições saudáveis aos membros menores (BETHEL et al., 2017).

No momento dedicado ao relato de como percebiam a oficina desde seu início com a apresentação e a dança circular, até a dinâmica da concretização da memória; foi relatada por mais de uma vez a dificuldade em parar as atividades diárias para dedicar-se a olhar para si mesmo e perceber suas necessidades, autoconhecer-se como meio de identificar possíveis situações de conflito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realização das oficinas, emergiram problemas pessoais e dificuldades dos participantes através das conversas e compartilhamento de experiências e sentimentos, resultado gradual dos vínculos estabelecidos. Neste contexto, as coordenadoras estiveram implicadas no processo, buscando desenvolver uma



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

escuta qualificada e o acolhimento, que devem estar sempre presentes nesse tipo de atividade.

A experiência de coordenar as oficinas direcionadas a indivíduos sensibilizados e em sofrimento psíquico foi positiva, apontando a importância de se construir mais pesquisas em busca de evidências científicas, com o intuito de qualificar a assistência à população universitária.

Conclui-se que as práticas expressivas propiciam a fala e o relato de sentimentos, além da identificação de que suas experiências de vida e são potencialidades para seu autoconhecimento e a busca pelo bem-estar, além das atividades ajudarem no enfrentamento do estresse.

Desse modo, a utilização de oficinas terapêuticas no ambiente universitário pode promover a saúde mental, o fortalecimento e a resiliência, constituindo espaços de convivência, de acolhimento, expressão corporal e artística, de compartilhamento e combate ao estresse. Além disso, esse processo de reflexão, compartilhamento e engajamento social pode ser capaz de fortalecer a noção de pertencimento e comprometimento com a coletividade. Pode possibilitar o desenvolvimento de relações mais horizontais e solidárias entre os diversos profissionais e alunos que ali convivem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.H.H. *Danças circulares sagradas: imagem corporal, qualidade de vida e religiosidade segundo uma abordagem Junguiana*. 2005. 311p. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BATISTA, J. B. V., CARLOTTO, M. S., COUTINHO, A. S., & AUGUSTO, L. G. S. Síndrome de burnout: Confronto entre o conhecimento médico e a realidade das fichas médicas. *Psicologia em Estudo*, vol 16, n3, 429-433, 2011.



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

BETHELL, C. D.; CARLE, A.; HUDZIAK, J.; GOMBOJAV, N.; PODERES, K.; WADE, R.; BRAVEMAN, P. Métodos para avaliar as experiências adversas na infância de crianças e famílias: rumo a abordagens para promover o bem-estar da criança na política e na prática. *Pediatrics Acadêmica*, vol 17, n7, p. S51-S69, 2017.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Lei 10.216 de 06 de abril de 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/legisl/htm>. Acesso em 22 de julho de 2019.

_____. Relatório Final da VIII Conferência Nacional de Saúde. Brasília. 1986. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8_conferencia_nacional_saude_relatorio_final.pdf. Acesso em: 20 mar. 2016.

CENCI, A. V.; FÁVERO, A. A. Notas sobre o papel da formação humanística na universidade. *Revista Pragmatéia Filosófica*, Passo Fundo, ano 2, n. 1, p. 1-8, 2008.

CARLOTTO, M.S. Síndrome de Burnout em professores: Prevalência e fatores associados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2011

CARNEIRO, A.M.; BAPTISTA, M.N. Saúde geral e sintomas depressivos em universitários. *Salud Soc*, vol3, n2, p166-68, 2012.

CAVALCANTE, B.L.L.; LIMA, U.T.S. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. *J Nurs Health*, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 94-103, jan/jul 2012.

FARIAS, I. D. de et al. Oficina terapêutica como expressão da subjetividade. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 12, n. 3, p. 147-153, set. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762016000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 25 jul. 2019.

GONTIJO. E.E.L. et al. Depressão na docência? revisão de literatura. *Vita et Sanitas*, vol 07, p 87-98, 2013.



EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE

LAYARD, R. Mental health: the new frontier for labour economics. *IZA Journal of Labor Policy*, Springer Berlin Heidelberg, v. 2, n. 1, p. 1, 2013.

NAGHIEH, A., MONTGOMERY, P., BONELL, C. P., THOMPSON, M., ABER, J. L. Organisational interventions for improving wellbeing and reducing work-related stress in teachers. *Cochrane Database Syst Rev.* vol 4, 2015. CD010306. doi: 10.1002/14651858.CD010306.pub2

MACHADO FILHO, P. T. Danças circulares e suas correlações psicofísicas, espirituais e integrativas (Circle dances and their psychophysical, spiritual and integrative correlations). *Jung & Corpo*, vol 5, n5, pg 49–59, 2005.

OLIVEIRA, M. A. & NAKANO, T. C. Revisão de pesquisas sobre criatividade e resiliência. *Temas em Psicologia*, vol 19, n2, p467-479, 2011.

RAUTER, C. Oficinas para quê? Uma proposta ética estética, política para oficinas terapêuticas. In: AMARANTE, P. (Org.). *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012

SACHS, C. *World history of the dance*. New York, NY: Norton, 1937.

SANTORUM, J. A.; CESTARI, M. E. A educação popular na práxis da formação para o SUS. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 223-40, 2011.

SINIBALDI, B. Saúde mental infantil e atenção primária: relações possíveis. *Revista de Psicologia da UNESP*, vol 12, vv2, p61-72, 2013.

TAVARES, C.M.M.; SOBRAL, V.R.S. Avaliação das práticas de cuidar envolvendo arte no âmbito do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). *REME – Rev. Min. Enf;* vol 9, n 2, p 121-125, abr/jun, 2005

UNICEF. *Situação mundial da infância 2011: adolescência, uma fase de oportunidades*. Brasília, DF. 2011.

WHO. *Depression and other common mental disorders: global health estimates*. World Health Organization, 2017.



**REVISTA ELETRÔNICA
GRADUAÇÃO/PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO
UFG/REJ**

ITINERARIUS
REFLECONIS

V.15, N.3, 2019
ISSN. 1807-9342

EDUCAÇÃO E SAÚDE – DOSSIÊ DO MEIO AMBIENTE